



# mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV  
Jornada  
EBP-MG  
{fora de série}

## Amores Loucos, eixo I

LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Ana Helena Souza

No Seminário 20 Lacan trata desde o título, “mais, ainda”, do amor. Embora não exclua a paixão primeira e complementar do ódio, Lacan se dedica à paixão que faz suplência à inexistência da relação sexual. No caminho que percorre do gozo ao amor, Lacan vai explicitar nas fórmulas da sexuação como se situam os seres falantes quanto às identificações sexuais: gozo fálico, masculino, gozo suplementar, feminino.

O primeiro, várias vezes abordado, rege-se pela lógica do conjunto dos homens, fundada na exceção mítica do pai da horda. Essa exceção tanto provê a sustentação do todo como instaura a imprescindível castração, pois “para o homem, a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance de que (...) ele faça o amor.”(78) Assim prossegue Lacan, aproximando-nos daquilo que, a partir do gozo, abre caminho para o amor.

Convém marcar mais uma vez que os lados masculino e feminino das fórmulas da sexuação não implicam qualquer binarismo de gênero, trata-se de localizar onde os seres falantes situam seu modo de gozo. O gozo situado do lado feminino é definido como um gozo suplementar, submetido à lógica do não-todo. Aqueles que se colocam desse lado escapam à lógica fálica, seu gozo é essencialmente outro, um gozo do qual não se fala, mas que se pode entrever nos escritos de grandes místicos como Santa Teresa d’Ávila e San Juan de la Cruz. Gozo do corpo no que parece ser um além do corpo, aqui entra a ideia de Deus, do seu amor. Deus, no entanto, é o mais ignorante de todos os seres por desconhecer a paixão do ódio. Lacan marca a limitação desse puro amor e expulsa o homem do paraíso do gozo feminino, ao indicar que “quanto mais o homem se possa prestar para a mulher à confusão com Deus, quer dizer, aquilo de que ela goza, menos ele odeia e menos ele é – e uma vez que, depois de tudo, não há amor sem ódio, menos ele ama.” (p. 95)

Enquanto do lado masculino o objeto a é o que captura o gozo do sujeito, do lado feminino a divisão se instala de início; o objeto a é um dado, mas o seu gozo dirige-se ao falo e ao S(A), ao indizível, portanto. A não-relação sexual surge claramente na ausência de qualquer conjunção possível entre os lados da tábua da sexuação.

E o amor, esse impossível, com que letra se designa? Em que se apoia para fazer suplência à não-relação sexual? O apoio se constrói pela junção de amor e alma, por essa letra de amor com a qual o discurso psicanalítico se descola do discurso científico. “O gozo do Outro (...), do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo de amor.” (p. 11) O amor não está no corpo, ele marca a conjunção de saber inconsciente do Um com a língua. No amor é de um saber que se trata, do saber que fulgura num além da linguagem durante um encontro contingente. O amor tem como drama transformar essa contingência numa necessidade. Para falar de amores loucos, é preciso olhar para o que acontece no “ponto de suspensão a que se agarra todo amor” (p. 156) enquanto vive na miragem de fazer existir a relação sexual.